



ATLAS geográfico escolar digital

Os usuários do Censo 2000

Reafirmando a importância do IBGE como produtor de informações para a construção de um Brasil melhor, a edição 10 da revista Vou te contar traz matérias que falam da utilização dos dados produzidos ao longo de 67 anos de existência da nossa instituição. Com enfoques diferenciados, os textos dão destaque para os usuários dos dados do Censo 2000.

A "Matéria de capa" destaca algumas instituições sem fins lucrativos que utilizam os resultados do Censo 2000 como matéria-prima para a elaboração de projetos e políticas. Contemplando áreas que vão desde saúde e educação até direitos civis e cidadania, os dados são vistos por esse público

como fundamentais na realização de trabalhos em diversas esferas da sociedade brasileira.

Para comparar a evolução dos números coletados nos censos de 1991 e 2000, a seção "Nos Estados" traz uma entrevista com os chefes de três Unidades Estaduais do IBGE. Na matéria, que mostra a importância dos dados nos indicadores sociais de

cada estado, eles avaliam a melhoria da taxa de escolarização durante o período que compreendeu os dois últimos censos.

Já na seção "Reportagem" o leitor entende como se dá o processo de comercialização dos produtos e serviços do IBGE. Paralelamente, "Censo em foco" mostra a relação existente entre interesse do usuário e disponibilidade da informação, bem como a diversificada gama de usuários do Censo 2000.

Esta edição traz ainda detalhes sobre novos produtos que serão lançados até o final do ano. Tratase do Atlas do Censo Demográfico 2000 e da Metodologia do Censo Demográfico 2000, publicações que encerrarão os trabalhos da megaoperação censitária. Mais informações sobre estes dois futuros lançamentos você confere na seção "Atualidades".

Para terminar, uma entrevista com Ana Amélia Camarano, pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). No bate-papo, que você encontra na seção "Ponto de vista", ela, que se denomina fiel usuária do IBGE, reitera a importância dos dados na realização de seus estudos e análises.

Esperamos que aproveitem esta edição. Uma excelente leitura a todos!

Eduardo Pereira Nunes Presidente do IBGE

sumário

- Editorial mensagem do presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes
- Conta-gotas notas sobre o Censo no mundo
- Matéria de capa a utilização dos resultados do Censo 2000 nos projetos desenvolvidos por instituições sem fins lucrativos, nas áreas de educação, saúde, direitos civis, pesquisa e cidadania.
- 10 Espaço aberto Luiz Antonio Pinto de Oliveira, chefe do DEPIS, fala da importância de se organizarem as informações sobre o Brasil levando-se em conta os municípios, agrupados de acordo com o total de habitantes.
- 12 Gente contando gente em entrevista, o presidente do IBGE fala de seus desafios no comando da instituição
- Nos estados três chefes de Unidades Estaduais avaliam as melhorias nas taxas de escolarização em seus estados
- Reportagem o processo de comercialização dos produtos do Censo 2000
- Registro a inauguração do Serviço de Acesso a Dados Restritos do IBGE
- 23 Censo em foco o perfil dos usuários do Censo 2000
- 25 Atualidades o trabalho de finalização do Atlas do Censo Demográfico 2000 e do Volume de Metodologia do Censo Demográfico 2000
- Ponto de vista Ana Amélia Camarano, pesquisadora do IPEA, fala da importância dos dados do Censo 2000 em suas pesquisas sobre as condições de vida dos idosos

expediente

Vou te contar - Revista do Censo 2000 - Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Coordenação de Marketing

Rua General Canabarro, 706/4º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - 20271-201

www.ibge.gov.br

e-mail: voutecontar@ibge.gov.br

Coordenadora de Marketing: Izabelle de Oliveira

Coordenadora do projeto e editora: Rose Barros (Mtb. RJ 20.342)

Redação: Agláia Tavares, Camila Ermida, Marcelo Benedicto Ferreira, Marília Loschi, Rose Barros e Valéria Vianna

Projeto Gráfico: Jorge Luís P. Rodrigues e Helga Szpiz

Capa: Licia Rubinstein Ilustrações: Luiz Agner

Fotos: Álvaro Vasconcellos, Deniston Diamantino e José Francisco Rodrigues Filho

Diagramação: Helga Szpiz Tiragem: 6 000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias e das ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.

conta-gotas

Paraguai divulga resultados preliminares

Em março deste ano, a Direção Geral de Estatística, Pesquisas e Censos do Paraguai apresentou os resultados preliminares do Censo Nacional de População e Domicílios 2002. Este foi o 6º Censo Nacional desde a década de 50 e teve como objetivo principal realizar a contagem de todas as pessoas que estavam no território paraguaio em 28 de agosto de 2002. Além dos números mais recentes, a publicação contém os dados registrados nos censos de 1972, 1982 e 1992, com suas respectivas taxas de crescimento populacional e um conjunto de mapas geográficos que apresentam a atual divisão político-administrativa do país.

Em 2002, o Paraguai tinha 5.206.101 habitantes, sendo 2.640.068 homens e 2.566.033 mulheres. No censo realizado em 1992, a população era de 4.152.588, tendo crescido 2,3% entre as duas coletas. Outros resultados do Censo 2002 do Paraguai, bem como aspectos demográficos e características socioeconômicas das pessoas e dos domicílios, podem ser encontrados na página do órgão oficial de estatística do país na internet (www.dgeec.gov.py).



Pesquisando a língua dos celtas

O Censo do Reino Unido,

realizado em 2001. quis saber quantos habitantes do País de Gales falavam o galês. Embora seja feito um censo comum para todo o Reino Unido, composto

por Inglaterra e País

de Gales, a pergunta foi exclusiva para este país, onde se estima que a língua galesa seja falada por 25% da população.

A idéia é saber quantas pessoas

são capazes de entender. falar, ler ou escrever em galês para com isso possibilitar o planejamento na área educacional do país, diagnosticando a necessidade de educação bilíngüe (inglês/galês). É importante também para acompanhar as

possíveis mudanças no uso da língua galesa, de origem celta. O povo celta chegou à região, onde hoje é o Reino Unido, por volta do

século V a.C.

Harmonização estatística nos países bálticos

As informações obtidas no censo populacional da Estônia, Letônia e Lituânia estão sendo compiladas. Nos dois primeiros países os dados foram coletados em abril de 2000, já na Lituânia a pesquisa se deu um ano depois. Porém, como frequentemente os três países bálticos são tratados como uma região única, os estatísticos acham importante que os resultados dos três censos sejam disponibilizados em conjunto. Espera-se, então, que no final de

2003 ou começo de 2004, tanto a edição em papel quanto no formato CD estejam prontas. Os temas envolverão demografia, características sociais e econômicas da população, das famílias e dos domicílios, entre outros. Prevê-se que esta publicação seja de grande interesse para os usuários domésticos, cientistas de outros países e organizações internacionais. Mais informações podem ser obtidas no bureau de estatística da Letônia: www.csb.lv/avidus.cfm.

Dados fresquinhos



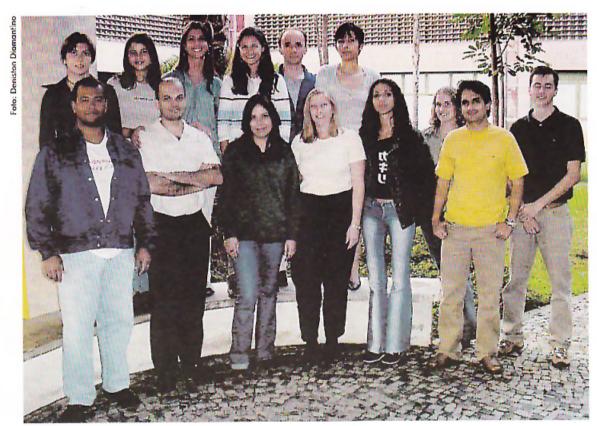
Os resultados preliminares do Censo 2001 na Espanha acabaram de sair do forno. Segundo o Instituto Nacional de Estadística (INE), em 1991 a população era de 38.871.331 pessoas e, em 2001, eram 40.847.371, tendo como referência o dia 1º de novembro de 2001.

Agora já se sabe que a população espanhola aumentou 5% nos últimos 10 anos, que a população estrangeira vivendo na Espanha é de mais de um milhão e meio de pessoas e que uma em cada quatro pessoas com mais de 90 anos vive sozinha.

Trata-se do décimo sexto Censo Oficial da População. Realizado com a ajuda de mais de 35 mil recenseadores, o censo espanhol também pôde ser preenchido e enviado através da Internet. A Espanha foi o primeiro país do mundo a oferecer essa possibilidade à população em geral. Os resultados definitivos do censo sairão ainda no final deste ano.



Construindo a cidadania com os dados do Censo



O Crisp, da
UFMG, realiza
várias pesquisas
utilizando como
referência
informações do
IBGE.

Se retratar o Brasil faz parte da missão do IBGE, e uma dessas finalidades é possibilitar o exercício da cidadania, chegou a hora de visualizar algumas formas pelas quais a sociedade tem utilizado os dados do Censo Demográfico 2000 para construir um país melhor. Pensando nisto, a Vou te contar conversou com pessoas ligadas

a instituições sem fins lucrativos, nas áreas de educação, saúde, direitos civis, pesquisa e cidadania, para ver como os resultados do Censo – bem como de outras pesquisas do IBGE – têm contribuído para dar forma a projetos, novas políticas e avaliações em diversas esferas da sociedade brasileira.

O trabalho do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) do Brasil, por exemplo, depende em grande parte de informações trazidas pelo Censo 2000 e também da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Com escritório em Brasília, o Unicef produz relatórios e compilações sobre infância e adolescência no

país, além de monitorar o cumprimento das metas do Termo de Compromisso assinado pelo Brasil na Cúpula da Infância. A Cúpula, reunida em 2001, definiu alguns índices de qualidade de vida a serem mudados até 2010. Esse compromisso inclui, entre outros, a redução da mortalidade infantil, levantada no questionário da amostra do Censo 2000.

"Os dados sóciodemográficos do Censo são aplicados, na maioria das vezes, com foco municipal e utilizados tanto em nível local quanto geral."

Raíssa Rauter, oficial-assistente de monitoramento e avaliação do Unicef/Brasil, explica que os dados do Censo e da PNAD são muito importantes para a confecção dos relatórios anuais da instituição e para a observância do Termo de Compromisso. Entre os dados do Censo 2000 mais utilizados, Raíssa cita os números de crianças fora da escola, condições de domicílio e das mães que chefiam os domicílios e a própria mortalidade infantil. Destaca também a importância da relação de parceria que o IBGE mantém com o Unicef em Brasília, ao disponibilizar tabelas personalizadas de acordo com as necessidades específicas da instituição.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), com

escritório em Brasília, é outra instituição que se vale de dados do Censo para seus estudos e relatórios. Para a OIT, interessam particularmente os dados sobre portadores de deficiência.

Ações locais, resultados globais

O foco em dados municipais, uma tendência atual, caiu na preferência de muitas instituições. É o caso da organização não-governamental SOS Corpo, Gênero e Cidadania, com sede em Recife, Pernambuco, que utiliza, além do Censo 2000 e da PNAD, dados do site Cidades@, no portal do IBGE na Internet.

A ONG trabalha com a questão do feminino e o combate da injustiça, discriminação e exclusão social da mulher. Entre vários projetos, promovem a capacitação de mulheres para intervirem nas políticas públicas. Geralmente, são mulheres que já estão organizadas de alguma forma, como em pequenos grupos comunitários ou associações de bairros. Através do SOS Corpo, elas aprendem a lidar com dados estatísticos, avaliar e elaborar projetos e propostas, tornandose, assim, aptas a interferir nas políticas públicas municipais.

Ana Paula Portella, coordenadora de pesquisas do SOS Corpo, explica que os dados sócio-demográficos do Censo são aplicados, na maioria das ve-

zes, com foco municipal e utilizados tanto em nível local quanto geral. "Somos uma instituição de ensino e pesquisa", explica Ana Paula, acrescentando que a formação das mulheres é fundamental para o combate da injustiça entre os gêneros.

Citando o "Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil - 2000" (uma publicação do IBGE com dados do Censo 2000), ela explica que os dados sobre chefia de domicílios por pessoas do sexo feminino são bastante procurados pelo SOS Corpo, já que estão trabalhando o tempo todo com a questão da mulher. Em sua opinião, esses resultados são essenciais para se estudar o impacto do aumento do número de mulheres responsáveis por domicílios no Brasil.

Ana Paula leva em consideração a necessidade de se enxergarem os dados não só com otimismo pela emancipação feminina ou pela conquista do mercado de trabalho, mas também com atenção para não deixar passar em branco o problema das famílias mais pobres - muitas vezes chefiadas por uma mulher sem seu parceiro. "É preciso considerar que muitas delas foram abandonadas, ou vivem em situação de desigualdade de renda. O trabalho do SOS Corpo, Gênero e Cidadania é para corrigir isso". Um trabalho que não seria possível sem dados como os que o IBGE disponibilizou no Censo 2000, traçando pela primeira vez o perfil das mulheres responsáveis por domicílios.

Planejando a saúde pública

Estudar e planejar ações no âmbito da saúde pública brasileira não seria possível sem os dados do Censo 2000. Desde a distribuição da população por sexo e idade, de acordo com as grandes regiões, até os mais detalhados dados da amostra, muitas são as variáveis necessárias à Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), órgão ligado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e uma das majores referências nacionais quando o assunto é saúde.

Francisco Viacava é coordenador do Departamento de Informação em Saúde do Informação Centro de Científica e Tecnológica da Fiocruz (CICT). Ele explica que utiliza os dados do IBGE associados a outras variáveis. tais como estudos do Ministério da Saúde. Entre as estatísticas do Censo mais utilizadas, Francisco cita o levantamento de portadores de algum tipo de deficiência física como um dado fundamental para se ter uma idéia da magnitude da questão na atualidade.

Às variáveis ligadas a deficiência são agregadas informações sócio-demográficas e produzidos levantamentos de necessidades de suporte social, principalmente em relação à faixa da população que Francisco destaca: os idosos. "Existe toda uma preocupação com o estado funcional da população idosa. As deficiências não são só as mais comuns e conhecidas, há também a limitação de atividade física. É preciso ter idéia dessas limitações, principalmente na população mais idosa", explica Francisco.



A equipe do SOS Corpo, Gênero e Cidadania, em Pernambuco: trabalhos sociais com oco na questão do feminino.

"Estudar e planejar ações no âmbito da saúde pública brasileira não seriam possíveis sem os dados do Censo 2000."

Além de lidar com deficiência e população idosa, a Fiocruz também participa do planejamento de políticas públicas em saúde. E o Censo, para isto, é referência das mais importantes, uma vez que o levantamento da população é fator determinante para a distribuição de financiamento em saúde nos estados.

Para estudar a violência, mapas de setores censitários

Já em Belo Horizonte, outro assunto ganha destaque: a violência. O Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é um usuário assíduo das pesquisas do IBGE, incluindo o Censo 2000. Utilizando principalmente os microdados e montando suas próprias tabelas, a equipe do Crisp usa os resultados do Censo para comparar com suas pesquisas, validar suas amostras, criticar e corrigir os dados produzidos dentro do núcleo. É como se o IBGE fosse referência

para testar as estimativas e projeções.

Rodrigo Fernandes, pesquisador do Crisp, conta que os indicadores sócio-demográficos do Censo, como população, sexo, escolaridade e condições dos domicílios ajudam a construir as bases de dados de criminalidade com as quais o Crisp trabalha. Os resultados alimentam estatísticas descritivas e inferenciais para a elaboração de pesquisas de grande porte, como o "Atlas da criminalidade. Belo Horizonte: diagnóstico. perspectivas e sugestões de programas de controle", produzido pelo Crisp, a ser lançado ainda este ano, e que, como o nome já diz, apresenta dados e propostas para mudar a situação do crime na capital mineira.

Outra pesquisa saindo do forno, realizada com o Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, é a pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte, de caráter internacional, feita simultaneamente em cinco cidades do mundo: Detroit (Estados Unidos), Cidade do Cabo (África do Sul), Beijing (China), Varsóvia(Polônia) e Belo Horizonte (Brasil).

O projeto, conhecido como Social Hubble (uma referência ao telescópio Hubble, da NASA), é um dos mais detalhados estudos sociais sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte, analisando qualidade de vida, criminalidade, associativismo, dados sócio-

demográficos, trabalho, valores (aceitação de religião, cor ou raça, orientação sexual). Sempre tendo como base dados do Censo 2000 para estabelecer comparações, essa pesquisa é de importância mundial.

Rodrigo Fernandes fala também das Bases de Informações por Setor Censitário como apoio para os trabalhos do Crisp. A divisão por setor censitário, que delimitou a área de atuação dos recenseadores do IBGE durante a coleta dos dados para o Censo 2000, serviu como base para inúmeras pesquisas do centro de estudos, destacando-se entre elas a Pesquisa de vitimização em Belo Horizonte, Esta produção reúne informações sobre a natureza e frequência de crimes, inclusive aqueles que não são relatados à polícia. Um questionário foi aplicado a habitantes. quatro mil selecionados por setor censitário, compondo assim uma amostra representativa da população da cidade inteira. Os setores censitários não só baseiam o levantamento da amostra, como também servem de validação para o número de questionários aplicados.

"A equipe do Crisp usa os resultados do Censo para comparar com suas pesquisas, validar suas amostras, criticar e corrigir os dados produzidos dentro do núcleo."

Um novo olhar sobre as diferenças



Luiz Antonio Oliveira, chefe do DEPIS, fala sobre municípios no congresso sobre o tema, em Brasília.

Não é novidade dizer que o Brasil é um país rico em contrastes. Porém, a forma de enxergar nossas diferenças sempre pode ser acrescida de novos olhares – o que, numa instituição como o IBGE, significa novas metodologias, novos conceitos e novas formas de divulgação dos dados levantados. Em se tratando do Censo Demográfico 2000, o novo olhar de que se fala é um olhar mais 'micro', focalizado nos municípios, tendo como base um recorte de acordo com o tamanho da população. Esse olhar orientou a divulgação dos Primeiros Resultados da Amostra, em dezembro do ano passado, e também serviu para compor a

publicação Indicadores Sociais Municipais, que utilizou dados do universo do Censo 2000.

"Do ponto de vista institucional, o recorte por tamanho de municípios está se consagrando como um olhar que o IBGE pode lançar sobre suas próprias estatísticas e sobre a forma de apresentá-las", explicou Luiz Antonio Pinto de Oliveira, chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais (DEPIS), da Diretoria de Pesquisas (DPE). "E é um subsídio importantíssimo para mensurar, perceber e esclarecer essas diferenças, que são muito grandes".

"Isto serve para mostrar que não há homogeneidade no Brasil. Por nossa própria herança histórica, nossa trajetória. E há um certo tipo de heterogeneidade ligado à configuração dos municípios", continuou. "Antigamente, o Censo privilegiava muito essa coisa de urbano e rural, o povo saindo do campo. Isso já aconteceu, agora é residual".

Não basta observar apenas as diferenças entre regiões. Se, por um lado, estamos acostumados a enxergar o Brasil como um país de dimensões continentais, composto por Grandes Regiões com disparidades marcantes entre si, olhar para as diferenças entre os municípios funciona como uma lente de aumento. Ou seja, é possível conhecer o Brasil sem precisar se ater aos exemplos clássicos que comparam as regiões Nordeste com Sul, por exemplo, ou que comparam os estados entre si.

"Essa diferença entre regiões é uma visão real, mas que não dá mais conta das realidades internas. A migração nordestina, por exemplo, se dá dentro do próprio Nordeste. Não há mais a migração nordestina só para São Paulo, ou para Brasília", justificou Luiz Antonio, Nesse sentido, destacou uma nova tendência: o crescimento de municípios médios, geralmente perto de alguma grande cidade. "Há o 'entorno goiano' de Brasília: um conjunto de duas dezenas de municípios, com quase um milhão de habitantes, quase todos vindos do Maranhão, Piauí, Bahia, Paraíba, Pará. E por quê? Pelas oportunidades de Brasília, claro, mas também pelos serviços, pelos subsídios federais. Essa gente vai para lá em busca de loteamentos, de serviços de saúde e oportunidades em geral".

Esse fenômeno apontado por Luiz Antonio é um bom exemplo da dinâmica dos municípios brasileiros. Segundo ele, o que ocorre atualmente é um esvaziamento de municípios pequenos (em sua maioria, aqueles localizados em áreas degradadas economicamente). Nos municípios grandes, o crescimento da população é muito baixo, seja por causa da baixa fecundidade ou por causa da saturação física, da falta de espaço mesmo. O que ocorre, então, é um crescimento nos municípios médios - os pólos intermediários, como aglomerações urbanas e seu entorno. "A tendência de aglutinação hoje em dia não é tão-somente nas capitais, porque elas estão mais saturadas, mas sobretudo em capitais do Nordeste, em áreaspólos do Sul e por todo o litoral".

Município: uma célula cada vez mais importante

Além de destacar esses processos mais sutis da distribuição espacial da população, as informações por recorte de municípios vêm ao encontro das mudanças nas políticas de gestão municipal no país. A redistribuição espacial da população no Brasil mostra que, apesar dos mais de mil novos municípios criados na década de 90, os pequenos continuam sofrendo um processo de esvaziamento.

Perceber este fenômeno é importante porque, segundo Luiz Antonio, há toda uma justificativa ideológica e institucional no sentido de que a criação de novos municípios em si é positiva para o atendimento da população. Mas os dados puramente demográficos não permitem confirmar isto – basta perceber que, em quase todos os estados, as pessoas estão deixando os pequenos municípios e buscando os médios.

"Hoje há uma ênfase sobre a municipalização, que vem ocorrendo desde a Constituição de 1988. Várias políticas estão descentralizadas em termos municipais. O município virou uma célula importante", mostrou o chefe do DEPIS. E o papel do IBGE neste processo é essencial, ao disponibilizar os microdados do Censo 2000, elaborar publicações como a Síntese de Indicadores Sociais e gerar recursos que levem às prefeituras e à sociedade civil as informações de seus municípios.

Essa aproximação já existe na tradição do IBGE e pôde se consolidar com o Censo 2000. Antes dele, já havia sido feita, em 1999, a primeira Pesquisa de Informações Básicas Municipais, que, como disse Luiz Antonio, colocou o eixo municipal "em voga". Além disso, a constante participação em congressos de municípios e reuniões com prefeitos, por exemplo, serve para fortalecer esse elo entre IBGE e sociedade através de dados dentro de um recorte mais próximo de sua realidade.

"O recorte por tamanho de municípios está se consagrando como um olhar que o IBGE pode lançar sobre suas próprias estatísticas e sobre a forma de apresentá-las."

Edwardo Pereira Nunes e seu desaño como presidente: manier a boa imagem do IBCE

O novo presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes, assume a presidência da instituição em um momento histórico de mudança no rumo da política do país, mas também num momento em que os trabalhos do Censo Demográfico 2000 estão praticamente no fim. Ou seja, acompanhou como técnico todo o seu andamento e agora, à frente do barco, deve capitanear a conclusão das rotas dessa megaoperação.

Muito simpático, recebeu a equipe da Vou te Contar com um sorriso largo, pedindo mil desculpas por ter-nos feito esperar e, entre uma pergunta e outra, conversou sobre tudo um pouco. Valeu a pena esperar, concluímos ao fim da entrevista.

O presidente falou do seu desafio na instituição, do Censo 2000, do Mercosul e de sua preocupação com as pesquisas que estão por vir, e que dependem de negociações em torno do orçamento. Falou-nos do seu imenso respeito pelos funcionários do IBGE, que mesmo em tempos difíceis nunca desistem de produzir com qualidade. Falou-nos do Brasil, dos problemas da sociedade brasileira e do caminho que ela pode e deve tomar para si a fim de eliminar as desigualdades, enfim, falou sem medo de falar, ou como diria o Lula: "sem medo de ser feliz".



O novo presidente falou do seu desafio na instituição.

Vou te Contar - O senhor acredita que é mais difícil ou mais fácil presidir o IBGE no contexto político atual?

Eduardo Pereira Nunes -Bom, eu não diria que é mais difícil ou mais fácil, pois presidir o IBGE em qualquer ocasião é uma missão muito difícil.

Vou te Contar – Por quê?

EPN - Porque nós temos a função de construir estatísticas a partir de um conjunto de informações que a sociedade fornece de maneira voluntária. Quando batemos à porta de uma família, vamos a uma empresa ou a uma repartição pública buscar informações, mesmo cobertos por uma legislação que nos autoriza a realizar essa atividade, dependemos muito da disposição e da disponibilidade do nosso informante.

Vou te Contar - Esta é uma das fases das pesquisas.

EPN - Isso, nós temos essa primeira etapa que é fazer a informação virar estatística. Depois, uma segunda etapa, igualmente complexa, que é transformar essas estatísticas em conhecimento para a sociedade fazer o retrato de si mesma e tomar decisões, visando melhorar o nível de desenvolvimento sócio-econômico e ambiental do país. E como o país é heterogêneo, esse retrato é complicado. O desafio é

ainda maior porque no contexto atual temos uma sociedade em mudança e um governo que pretende dar mais ênfase aos aspectos sociais. Tudo isso em uma fase de restrição financeira muito grande.

Vou te Contar – O senhor fala em desafios. Para o senhor, a questão orçamentária seria o maior desafio?

EPN – O maior desafio para mim não é orçamentário. É fazer a instituição, que já tem uma imagem muito boa, avançar ainda mais. Esse é o desafio, principalmente devido ao desempenho do IBGE na divulgação dos resultados do Censo 2000. Hoje a instituição tem uma visibilidade muito grande na sociedade, na imprensa, na academia e nas empresas, além de ser muito respeitada em todas as áreas do governo. Então, manter essa imagem é o meu maior desafio.

Vou te Contar – Diante das limitações financeiras, como o senhor pensa em lidar com as metas institucionais que o IBGE precisa cumprir?

EPN – Eu posso dizer que esse primeiro ano vai ser de três fases distintas. A primeira foi no início do ano, quando enfrentamos uma restrição financeira muito forte. Era necessário buscar recursos diariamente e tomar decisões para realizar trabalhos que não podiam ser adiados. Um deles é a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), que vai fornecer informações valiosíssimas para a obtenção de um retrato atualizado da realidade socioeconômica do país. Informações essas que serão muito importantes para o objetivo do governo de promover ações para erradicar o problema da fome no Brasil.

Vou te Contar – Voltando, então, às três etapas a que o senhor se referiu, a do início do ano foi de restrição financeira.

EPN – Sim, essa foi a primeira fase. Hoje estamos na segunda fase que é a de rearranjo do nosso orçamento. E na terceira etapa vamos ampliar nossos recursos orçamentários, principalmente porque nos próximos três anos estaremos envolvidos em trabalhos de peso como o último Censo. Em 2005 faremos a Contagem da População e o Censo Agropecuário. Essas duas pesquisas têm envergadura equivalente a um

"O Censo contribuiu
para elevar a imagem
da instituição, até
porque o IBGE já tinha
uma estrutura sólida e
madura para assumir
um projeto dessa
magnitude".

censo demográfico, por isso precisaremos de mais recursos.

Vou te Contar – E o senhor está otimista quanto à realização do Censo Agropecuário?

EPN – Eu sou otimista. E por ser otimista é que nós estamos fazendo um esforço para sensibilizar não só o Ministério do Planejamento, o que não tem sido difícil, como também outros ministérios e órgãos. Isso porque eles são os principais beneficiários das informações que poderão ser extraídas tanto do Censo Agropecuário quanto da Contagem da População.

Vou te Contar – O senhor fez um elogio aos funcionários e nós lhe perguntamos: o senhor diria que uma característica do ibegeano é ser um determinado?

EPN - Sim, eu diria que é uma característica do técnico do IBGE. Ele não é só um técnico capaz realizar tudo o que pretende, como faz isso com uma dedicação muito grande. O funcionário do IBGE sabe a importância do trabalho, então ele não deixa de realizar o seu trabalho porque está faltando dinheiro. Ele o faz assim mesmo e muitas vezes a gente nem sabe como é que ele é capaz de conseguir tudo o que consegue. Os resultados nunca deixam de ser produzidos por falta de recurso, mas nós, que somos responsáveis



Eduardo Pereira Nunes assume o IBGE em um momento histórico de mudança política.

pelo orçamento, sabemos que os recursos não são suficientes. E ainda assim, todas as pesquisas são produzidas com a qualidade que elas são divulgadas.

Vou te Contar – Isso só confirma o que o senhor falou sobre o desafio de otimizar cada vez mais a credibilidade do IBGE.

EPN – Sim, só confirma. Esse aspecto facilita o estabelecimento de metas para melhorar a performance da instituição, porque a gente sabe que o funcionário é um parceiro nesse empreendimento.

Vou te Contar – O senhor tem noção da alegria que foi para os funcionários do IBGE ter um funcionário da instituição na presidência?

EPN – Olha, posso não ter uma noção exata, mas desde que fui indicado tenho recebido votos de apoio. Também percebo uma satisfação muito grande dos funcionários por eu ser uma pessoa da casa.

Vou te Contar – O senhor algum dia sonhou em ser presidente do IBGE?

EPN - Sonhar eu nunca sonhei. Hoje, por exemplo, eu estive no CDDI (Centro de Documentação e Disseminação de Informações). O interessante é que o CDDI se localiza na rua General Canabarro, em um terreno muito próximo da casa onde eu morava quando era criança. E eu passava pelo menos duas vezes por semana em frente àquele terreno, bem antes de o IBGE estar situado ali, e jamais sonhei de um dia entrar ali como presidente do IBGE. Então a minha resposta se um dia eu sonhei, sinceramente não, mas eu trabalho no IBGE há praticamente 25 anos, sempre me dedicando ao máximo ao meu trabalho, mas nunca passou pela minha cabeça essa possibilidade. Simplesmente aconteceu.

Vou te Contar – E como é para o senhor assumir a instituição nesse momento de responsabilidade social do IBGE, ao apresentar à sociedade o Censo 2000 já concluído?

EPN - O Censo contribuiu muito para elevar a imagem do IBGE - até porque o IBGE já tinha uma estrutura madura, sólida, que pôde assumir a responsabilidade de um projeto dessa magnitude e em momento nenhum derrapar nessa sua trajetória. Então há uma interação muito grande entre o Censo propriamente dito e a maturidade do IBGE. Eu tenho uma responsabilidade maior ainda, pois cabe a mim manter e elevar os níveis dos trabalhos de conclusão dos resultados do Censo 2000. Principalmente porque como se trata do Censo de um país muito grande, muito populoso e convivendo com a pobreza e a riqueza simultaneamente, isso torna o trabalho da instituição mais necessário e mais importante ainda. Isso porque nós temos que produzir informação para a sociedade e ao mesmo tempo estarmos permanentemente cientes da nossa isenção nesse processo de produção de informação.

Vou te Contar – Na sua opinião, como foi a recepção da sociedade e da mídia em relação aos resultados do Censo?

EPN - Muito boa. Primeiro foi boa para o IBGE porque acabou funcionando como um atestado coletivo da qualidade do trabalho que nós realizamos. E também

"O IBGE tem uma visibilidade muito grande na sociedade, na imprensa, na academia e nas empresas".

muito boa porque o IBGE no momento oportuno trouxe à sociedade brasileira um retrato bastante abrangente sobre a realidade do país. Esse retrato é importante para o momento atual de se discutir a realidade e tomar decisões procurando transformála. E as informações do IBGE são matéria prima fundamental para que esse retrato seja bem feito. Mais uma vez a gente entra na hora certa, justamente transformando a informação estatística e disponibilizando-a para que a sociedade tenha um retrato amplo e profundo sobre a sua realidade socioeconômica.

Vou te Contar – Que Brasil o senhor acha que os resultados do Censo mostraram?

EPN - Bom, na verdade nós não temos um Brasil, nós temos vários brasis. Nós temos uma realidade socioeconômica bem diferentemente na região Centro-Sul do país e nas regiões Norte e Nordeste. Embora a preocupação do governo hoje seja com a pobreza, nós não somos um país pobre, mas somos um país de desigualdades profundas. As pesquisas do IBGE revelam isso sistematicamente: nós somos um país que se situa entre as dez maiores potências econômicas, quando medimos o conceito de potência econômica pela capacidade de produção que o país tem. Então, olhando a produção, nós somos um dos dez maiores do mundo. Mas quando vamos olhar o destino que a sociedade dá a essa riqueza que ele produz, que é a própria distribuição de renda, o que a gente vai observar é que embora estejamos entre as dez maiores potências econômicas do mundo, também estamos entre as dez sociedades com um grau de concentração de renda mais acentuado do mundo. Então o desafio

"Teremos do ponto de vista estatístico dois grandes projetos: o Censo Agropecuário e a Contagem da População".

maior é exatamente esse: como conciliar riqueza e desigualdade, para montar um projeto que elimine a pobreza? Porque eliminar pobreza no Brasil é sinônimo de eliminar desigualdade. Riqueza nós temos.

Vou te Contar – E o que poderia ser feito? Se o senhor fosse presidente da república, por exemplo, o que faria?

EPN – Isso não é uma decisão técnica, mas uma decisão política. É a sociedade, não sou eu como presidente do IBGE, não é o presidente da república, qualquer que seja, que vai poder fazer isso sozinho. Ele vai precisar o tempo todo da participação efetiva da sociedade. A sociedade é que tem que decidir.

Vou te Contar – Com o Censo 2000 na etapa final, qual será o carro-chefe das atividades do IBGE nos próximos anos?

EPN - Nós teremos do ponto de vista estatístico dois grandes projetos: o primeiro, como eu citei, o processo de discussão da nova campanha do Censo Agropecuário, que será efetuado em 2005, juntamente com a Contagem da População. Esse é um carro-chefe do nosso projeto de trabalho. Um outro projeto que a gente pretende desenvolver é o de promover uma integração maior entre as áreas. Nesse sentido, identificar projetos que integrem meio ambiente, economia, aspectos demográficos e sociais em uma mesma linha de trabalho. Isso é muito importante porque muitos dos nossos técnicos

têm uma competência em uma área específica. Se nós conseguirmos juntar todos eles em novos projetos, eu tenho certeza que um irá aprender muito com o outro e o IBGE vai lucrar muito com isso.

Vou te Contar – E o Mercosul? Qual sua opinião sobre o projeto do Censo Comum do Mercosul? Deu certo?

EPN – Deu certo. Houve uma integração muito grande entre os países do Mercosul. Agora nós precisamos agregar o Chile a esse projeto, que embora não pertença ao Mercosul, participou do Censo Comum juntamente com os países integrantes. Isto serviu para nos mostrar a possibilidade de trabalharmos com os técnicos dos outros institutos de estatística em um projeto dessa envergadura. E agora, já realizamos outras

atividades em comum, como, por exemplo, a de construir um índice de preço ao consumidor para todos os países do Mercosul e o Chile.

Vou te Contar – E o que o senhor espera de si mesmo como presidente do IBGE?

EPN - Eu espero ter o que já tenho tido: apoio dos funcionários. Sempre que há oportunidade de convívio com os funcionários, eu tenho recebido manifestação de apoio e de carinho, de satisfação por ter um funcionário do IBGE dirigindo a instituição. Meu desafio é grande, então tenho que buscar caminhos para conseguir alcançar esses objetivos que vão se converter para a instituição. Se a instituição for bem, os funcionários do IBGE vão estar muito satisfeitos e eu mais ainda, ainda mais por ser um funcionário da casa também.

Em poucas palavras

Eduardo Pereira Nunes é o 23º presidente do IBGE, tendo assumido a função em fevereiro de 2003. Carioca e formado em economia, ele é funcionário de carreira da instituição desde 1980. Antes de assumir o novo cargo, chefiava o Departamento de Contas Nacionais onde coordenou o projeto que tornou possível o cálculo do PIB dos estados, conhecido como Sistema de Contas Regionais, que vem sendo publicado anualmente.

Ao longo de sua carreira no IBGE, também trabalhou nos Departamentos de Geografia e de Agropecuária (DEGEO e DEAGRO) e na Coordenação dos Censos Econômicos. Também é professor titular da Universidade Cândido Mendes e dos cursos de pósgraduação da Fundação Getúlio Vargas, além de consultor de vários organismos internacionais, como o Banco Mundial e as Nações Unidas, para elaboração das Contas Nacionais de Cabo Verde e de Moçambique.

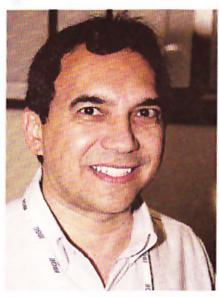
nos estados

Os primeiros resultados da amostra do Censo Demográfico 2000, divulgados no final do ano passado, demostraram a me-Ihoria de vários indicadores em relação aos dados coletados no Censo de 1991. Com crescimento expressivo em basicamente todos os estados, a taxa de escolarização representa, sem dúvida, uma expansão positiva no sistema educacional. Além disso, um dos efeitos da maior inserção das crianças e adolescentes na população estudantil foi aproximar os níveis de escolarização das regiões do país.

Mesmo assim, de acordo com Luiz Antonio Pinto de Oliveira, chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais (DEPIS), da Diretoria de Pesquisas (DPE), a evolução deve ser comemorada com cautela, já que as desigualdades de várias naturezas permaneceram basimente inalteradas. "A tendência de aumento nas taxas de escolarização ocorreu em todas as idades e regiões. Porém, convém lembrar que não se trata de qualidade do sistema ou do desempenho educacional, mas tão-somente uma referência de cobertura quantitativa e freqüência escolar". Classifica-se como fregüentando escola a pessoa matriculada em curso do ensino regular, de alfabetização de adultos ou pré-vestibular.

Para falarem sobre suas impressões a respeito do crescimento da taxa de escolarização no seu estado, a Vou te contar convidou os chefes de três Unidades Estaduais (UE) do IBGE: Maria Antônia Esteves, que está no IBGE desde 1976 e há um ano assumiu a UE de Minas Gerais; Maurício Batista, com 26 anos de casa, sendo oito à frente da UE de Santa Catarina; e Francisco José Moreira Lopes, com 29 de IBGE e chefe da UE do Ceará há um ano. Confira as entrevistas a seguir.

Primeiros resultados da amostra demonstram avanço na taxa de escolarização



Para Francisco José Lopes (UE-CE) o avanço da taxa de escolarização serve para avaliar as políticas adotadas.

Vou te contar – Segundo Luiz Antonio Pinto de Oliveira, chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais (DEPIS), houve um aumento considerável no número de pessoas que freqüentam a escola no seu estado. Como vocês analisam a melhoria desse indicador revelada pelos resultados do Censo 2000?

Maria Antônia / MG – A melhoria no percentual de pessoas que freqüentam a escola foi realmente expressiva. No estado de Minas Gerais, 82,9% da população de 7 a 14 anos freqüentavam a escola em 1991. Em 2000, este

percentual saltou para 95,8%, representando um crescimento de 12,9%, aproximando-se da taxa de universalização do ensino fundamental. Se considerarmos a taxa de escolarização nas idades entre 15 e 17 anos e 18 e 19 anos. percebemos que ela é bem inferior à da população de 7 a 14 anos, 76% e 46,5%, respectivamente, em 2000. No entanto, estes grupos de idade apresentam um aumento significativo na frequência escolar da década de 90, sendo de 27,8% no grupo de 15 a 17 anos e 18,1% no grupo de 18 a 19 anos.

Maurício/SC - Reconhecemos que no Brasil algumas etapas foram vencidas para dotar o país com uma política e um sistema educacional mais eficiente. Os dados do IBGE apontam Santa Catarina como a segunda unidade da federação com o melhor índice de alfabetização (94,3%).

Lopes/CE – Os dados do Censo mostram o avanço do Ceará em educação, considerando o aumento significativo da freqüência escolar.

> "No Ceará aumentou a freqüència escolar das crianças de 7 a 14 anos" Francisco José Lopes / UE-CE

Vou te contar - Na sua opinião, a quê se atribui essa melhoria?

Maria Antônia – O estado de Minas Gerais, historicamente, é comprometido com a educação. Embora a qualidade do ensino tenha ficado em segundo plano nos últimos anos, cedendo lugar a projetos de investimentos arrojados e mais voltados para campanhas dirigidas à instrução propriamente dita, houve um bom desempenho na área.

Maurício - Acredito que os motivos são vários, mas destacaria a globalização e o mercado de trabalho cada vez mais disputado, fatores que exigem do homem uma especialização maior.

Lopes – Um fator que contribuiu sensivelmente para o aumento dos indicadores, foi o crescimento da média de anos de estudo dos responsáveis pelos domicílios do Ceará. Tal fenômeno ocorreu na totalidade dos municípios. Se observarmos os dados de educação de acordo com o sexo, as mulheres tiveram uma melhoria mais acentuada que os homens.

Vou te contar - Vocês acham que as mudanças nas estatísticas de educação são facilmente perceptíveis em seu estado?

"Conhecer as diversidades do estado de Minas Gerais ajuda no planejamento do gasto educacional" Maria Antônia / UE-MG



Segundo Maria Antônia (UE-MG), a frequência escolar aumentou 12,9% em relação a 1991.

Maria Antônia – Sim, na medida em que os dados demonstram essa melhoria, apontando menor índice de analfabetismo, aumento do número de crianças matriculadas no ensino fundamental e deixando o trabalho infantil para freqüentar a escola.

Maurício – Sem dúvida. A procura pelas informações no IBGE e a grande divulgação pela mídia local dos dados obtidos possibilitam que a população conheça esses indicadores.

Lopes - No Ceará é perceptível o avanço dos indicadores de educação, principalmente na frequência escolar das crianças na faixa etária de 7 a 14 anos.

Vou te contar - Na opinião de vocês, como essa melhoria nos indicadores de educação tem repercutido nas secretarias de educação do seu estado (municipal e estadual)?

Maria Antônia - Segundo dados da Secretaria Estadual de Educação, os indicadores referentes às taxas de escolarização por idade são imprescindíveis para a identificação de demandas por novas vagas e abertura de escolas. Os números do IBGE, juntamente com as informações prestadas pela rede particular de ensino, são importantes para verificar a consistência dos dados obtidos diretamente pela secretaria.

Maurício – A Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina sempre esteve presente nos eventos realizados pelo IBGE. E isso tem sido importante para o acompanhamento da situação educacional do estado. Nossas agências também possuem um estreito relacionamento com as associações e governos municipais na divulgação dos números.

Lopes - As secretarias de educação podem trabalhar para melhorar ainda mais seus índices, aproveitando o avanço ocorrido na década para avaliar as políticas adotadas, examinando o que foi feito e o que poderá ser realizado.

Vou te contar - A melhoria desses indicadores foi uma surpresa para vocês ou já era esperada?

Maria Antônia – Não. Não é surpresa. Temos uma população mobilizada e consciente de que só será possível combater a violência, tirar crianças da rua, melhorar o nível de conhecimento dos nossos jovens, enfim, mudar esse quadro social que aí está, com a nossa participação e contribuição efetiva no processo da educação.

Maurício – De um modo geral, os resultados do Censo 2000 para Santa Catarina apenas confirmaram uma tendência de melhora na situação educacional do estado. Em 1991, tínhamos 9,91%

de analfabetos, percentual que diminuiu para 6,32% em 2000.

Lopes - Temos muito interesse em acompanhar a evolução dos indicadores do estado, sejam eles sociais ou econômicos. Como participamos de discussões e seminários, a melhoria dos dados educacionais apresentados no Censo 2000 não foi surpresa para os técnicos da Unidade Estadual do Ceará.

Vou te contar - Vocês destacariam outros indicadores em seu estado que também apresentaram avancos?

Maria Antônia - Outro indicador que apresentou uma considerável melhoria foi a taxa de analfabetismo. Enquanto 18,2% da população de 15 anos ou mais em 1991 era analfabeta, em 2000 este percentual caiu para 12%. No acesso a serviços básicos de saneamento também podemos observar um avanço. Houve um crescimento de 11,5% no percentual de domicílios atendidos



Segundo Maurício Batista (UE-SC), o índice de alfabetização do seu stado é de 94,3%.



pelo abastecimento de água (rede geral), 22,5% no percentual de atendidos pelo esgoto sanitário (rede geral e fossa séptica) e 38% no percentual de domicílios com acesso ao servico de coleta de lixo. Cabe ainda ressaltar que, numa análise preliminar, houve melhoria na distribuição de renda do estado. No período de 1991 a 2000, observa-se uma redução no percentual da população com rendimento de até dois salários mínimos, de 72% para 62%. Ao mesmo tempo, ocorreu um aumento do percentual de pessoas com rendimento acima de cinco salários mínimos, com o índice subindo de 10% para 15%.

Maurício - A taxa de analfabetismo é um indicador que vem decrescendo nas últimas décadas. Em 2000, o percentual foi de 6.32%, número inferior à média da Região Sul, que foi de 7,66%.

Lopes - Esperança de vida ao nascer: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); taxa de analfabetismo.

Vou te contar - Como vocês avaliam a importância do trabalbo do IBGE?

Maria Antônia - O IBGE, no seu papel de órgão oficial de estatística, cumpre a importante função de fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas educacionais. Neste sentido, conhecer a diversidade do estado de Minas Gerais, com taxas de analfabetismo de 29% no Jeguitinhonha e 7% na região de Belo Horizonte, permite um major grau de eficiência no planejamento do gasto educacional e na execução do recurso. A Unidade Estadual exerce um papel de disseminação de informações, de forma constante e abrangente, contribuindo assim para ações de âmbito local.

Maurício - A disseminação é o grande foco. A constante presença do IBGE na mídia, nas escolas, nos órgãos municipais e na Secretaria Estadual de Educação, divulgando nossas informações e colocando a Unidade Estadual à disposição de toda a sociedade catarinense, tem sido, com certeza, um alerta aos governantes.

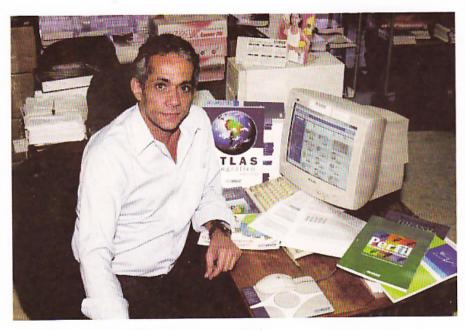
Lopes - Ao efetuar um trabalho de qualidade e ao produzir dados que espelham a realidade, o IBGE contribui para que a sociedade possa tomar decisões.

Pessoas que freqüentavam escola, segundo as Unidades da Federação/1991-2000

	Total	
	1991	2000
Brasil	35,077,978	53,406,320
Ceará	1,498,728	2,724,861
Minas Gerais	3,645,770	5,328,043
Santa Catarina	992,472	1,631,443

Fonte: Censo Demográfico 1991 e Censo Demográfico 2000.

IBGE cada vez mais próximo do usuário



Alcides Alves Braga destaca o aumento das vendas na Loja Virtual.

Do planejamento à disseminação dos resultados do Censo 2000 a Vou te Contar descreveu em detalhes todas as etapas dessa megaoperação. E agora com a divulgação dos últimos resultados, não poderíamos deixar de falar da comercialização dos produtos do Censo 2000. Apesar da ampla cobertura feita pela imprensa e de os resultados estarem no portal do IBGE na internet, para atender às necessidades dos usuários é preciso também disponibilizar essas informações para venda. E é esse o trabalho desenvolvido pela Gerência de Comercialização (Gecom), responsável pela distribuição e comercialização dos produtos e serviços do IBGE.

As estratégias de venda são planejadas para possibilitar que um maior número de usuários possa adquirir dados das pesquisas feitas pela instituição. Nesse sentido, importa mais a disseminação do que propriamente o lucro. Uma política adotada é a constante ampliação dos pontos de venda. Hoje, além das 29 lojas do IBGE espalhadas pelo país, há convênios firmados com 79 livrarias privadas.

Outro aspecto é a adoção de novas tecnologias de venda. A Loja Virtual na página do IBGE na internet é um exemplo dessa perspectiva. Segundo Delfim Teixeira, gerente de comercialização, a Loja Virtual é responsável por cerca de 47% das vendas em todo o país. Alcides Alves Braga, gerente de projeto, destaca que a cada mês o IBGE recebe 600 pedidos pela internet, o dobro da média mensal de 2002.

Um total de 90% dos pedidos atendidos pela Loja Virtual são feitos por pessoas físicas. Porém, apesar das facilidades proporcionadas pela internet, muitos usuários preferem enviar seus pedidos por correspondência ou fax. Nesse grupo estão órgãos públicos que solicitam itens diversificados e em grande quantidade.

Além de cada produto elaborado pelo IBGE ser disponibilizado para venda, parte das tiragens é destinada para doações legais (para escolas, por exemplo). Há também intercâmbios realizados entre a Biblioteca Central do IBGE e outras instituicões nacionais e internacionais, como as bibliotecas universitárias.

Hoje o IBGE conta com uma rede de 29 lojas próprias, 79 livrarias conveniadas e a Loja Virtual para vender seus produtos. Tudo para facilitar o acesso do usuário às informações sobre o Brasil

Atenção ao consumidor do Censo 2000

Rapidez e sincronia são duas palavras que especificam o ritmo de trabalho da Gecom. Durante o período de divulgação dos resultados do Censo 2000, esse perfil pôde ser testado e comprovado. Assim, a adoção de medidas para facilitar a aquisição dos produtos pelo usuário foi uma iniciativa que deu bons resultados.

Em função da expectativa da sociedade quanto aos resultados do Censo 2000, da ampla cobertura feita pela imprensa e dos eventos de lançamento realizados pelo IBGE, foi importante garantir que os produtos estivessem disponíveis para venda em quantidade suficiente no mesmo dia do lançamento. Para Delfim Teixeira, "a tendência das publicações é venderem muito no período do lançamento".

As etapas do trabalho

Ao visitar as agências do IBGE o usuário obtém informações sobre os produtos disponíveis. Para isso são elaborados materiais promocionais e informativos, como folders e cartazes. O Censo 2000 contou com um acessório especial: um kit com os principais resultados do Censo para o usuário aprender a acessar as informações de seu interesse. Segundo Delfim, a idéia é que as lojas não sejam

meras vitrines para exposição de produtos, e sim locais onde as pessoas possam descobrir qual produto contém as informações de que necessita.

O telefone também é um meio muito utilizado no contato diário com os clientes. Muitas vezes, antes de fechar um pedido na Loja Virtual, o usuário liga para o setor de vendas para confirmar as especificações do produto ou mesmo para solicitar mais esclarecimentos. Para os profissionais da Gecom, esse tipo de contato é fundamental para a instituição saber as reais necessidades dos usuários e até que ponto os produtos estão adequados. Essas mesmas informações também são passadas por e-mail.

"Chegam muitos pedidos de produtos e informações que ainda não estão disponíveis ou nem mesmo foram produzidas. Muitos pedidos nos orientam a respeito da necessidade de se mudar o formato do produto. Voltamos nossa atenção, por exemplo, para o DVD a partir da

demanda de alguns usuários pela aquisição das Bases de Informação por Setor Censitário de todos os 1058 municípios disponibilizados pelo Censo 2000. Para agilizar a entrega optamos por gravar as informações em seis DVDs e não em 1058 CDs", destaca Delfim Teixeira.

Delfim Teixeira atento ao desempenho das publicações do Censo 2000.





Censo 2000: um balanço das vendas

Os números não param de crescer. Como se vê na tabela ao lado, o primeiro título lançado com os resultados preliminares do Censo foi muito procurado. Segundo Paulo Quintslr, chefe do Departamento de Atendimento Integrado (Deati), a ampla cobertura feita pelos veículos de comunicação e a expectativa da sociedade em relação aos dados do Censo 2000 foram fatores que impulsionaram as vendas desse produto.

O mesmo aconteceu com a "Sinopse Preliminar do Censo Demográfico" e com a publicação "Características Gerais da População". Sendo assim, somando-se os percentuais de venda dos três primeiros itens da tabela se chega a 51,8% das vendas. Daí pra frente, os demais títulos com CD-Rom encartado tiveram demanda menos expressiva.

Porém, o grande destaque tem sido as Bases de Informação por Setor Censitário, correspondendo a 38,2% das vendas. Para Paulo Quintslr, com as Bases de Informação o usuário tem maior capacidade para trabalhar com a informação. Segundo ele, esse fator impulsionou as vendas desse produto e revelou o novo perfil dos usuários do Censo 2000.

Segundo Delfim Teixeira, o interesse dos usuários não é só por dados do Censo 2000: "ainda hoje vendemos muita coisa dos Censos 1970,1980, 1991, por exemplo". Nesses casos, a procura é por informações digitalizadas. Por isso essa linha de produtos do Censo 2000 tem vida útil mais longa que as publicações impressas. Como os usuários mais especializados precisam de informação por setor censitário, o interesse por esses produtos não se esgota facilmente.

Percentual de venda das publicações do Censo 2000 - março de 2003

Publicação	Exemplares vendidos (%)
Publicação impressa com CD-ROM encartado	
Censo Demográfico 2000: resultados preliminares	21,3
Censo Demográfico 2000: características da população e dos domicílios - resultados do universo	19,7
Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000	10,8
Tabulação avançada do Censo 2000: resultados preliminares da amostra	3,6
Tendências Demográficas: uma análise dos resultados da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico	1,6
Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000	1,4
Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000	1,4
Indicadores sociais municipais 2000	0,9
Censo Demográfico 2000: fecundidade e mortalidade infantil: resultados preliminares da amostra	0,7
Censo Demográfico: primeiros resultados da amostra	0,3
Produto em CD-Rom	
Base de informação do Censo Demográfico 2000: resultados do universo por setor censitário (CD-ROM sob demanda por município)	38,2
TOTAL	100%

IBGE inaugura o Serviço de Acesso a Dados Restritos

A princípio pode parecer estranho alguém pensar na inauguração de uma sala de acesso a dados sigilosos, principalmente se pensarmos que por serem sigilosos não deveriam ser divulgados. Pois então. Seria estranho, sim. Mas não é. Porque existem regras que possibilitam disponibilizar informações sigilosas para usuários específicos, sem quebrar o compromisso da instituição com o sigilo dos dados coletados. E diante dessa possibilidade segura, em abril deste ano foi inaugurado no Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI) do IBGE um servico exclusivo para esse fim.

Na ocasião, a diretoraadjunta da Diretoria de Pesquisas do IBGE (DPE), Zélia Bianchini, disse que "a abertura deste serviço

era um sonho antigo", ressaltando ainda que os Estados Unidos, por exemplo, têm salas oferecendo esses serviços em várias partes do país. Ela não escondeu, portanto, o seu contentamento em ver "esse sonho concretizado".

Este serviço vai possibilitar que usuários vinculados a projetos com fins estatísticos possam obter esses dados sem que o informante seja identificado. Isto porque o acesso do pesquisador aos microdados não disponíveis para uso público será feito mediante regras de atendimento impostas pelo instituto. Essas regras estabelecem as condições de uso, de responsabilidade e de liberação, supervisionadas por um funcionário do IBGE no momento da pesquisa.

O caminho aos dados, inclusive, não é simples. De acordo com Carlos Lessa, Chefe da Gerência de Atendimento, o usuário interessado apresentará o seu projeto que, uma vez avaliado pelo IBGE, receberá ou não o aval para acessar os dados. E, para isso, terá que assinar um termo de compromisso. Porém, o computador de acesso às informações não permite que o usuário grave nada para si. Por isso, o material selecionado pelo pesquisador ainda passará por uma nova avaliação. Os dados serão liberados somente se os avaliadores concluírem que não se corre o risco de haver identificação dos informantes.

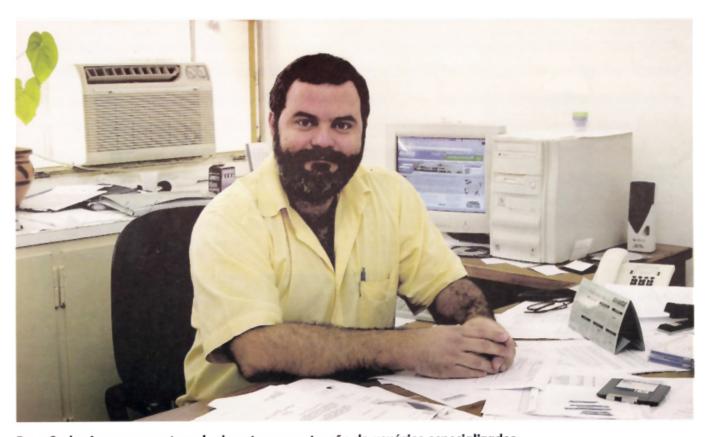
Para se ter uma idéia do que é uma informação sigilosa, podemos exemplificar com os microdados do universo do Censo 2000: a restrição, nesse caso, são os municípios com menos de 10 mil habitantes, ou seja, abaixo desse número, o conteúdo não pode ser acessado por conta do risco de identificação do informante.

Mas são as pesquisas da área econômica, segundo Zélia Bianchini, que provavelmente serão mais procuradas na sala de acesso pelos estatísticos, como a Pesquisa Industrial Anual (PIA), a Pesquisa Anual do Comércio (PAC) e o Censo Agropecuário. Uma explicação para o interesse por essas pesquisas é o fato de seus dados serem bem mais restritos e por isso não terem sido disponibilizados antes. E agora, com a sala de acesso, estarão ao alcance do usuário. Mas sempre lembrando que de forma muito segura, resguardando a fonte. Como manda a lei.



O Serviço de Acesso a Dados Restritos é "um sonho antigo" de Zélia Bianchini e do IBGE.

Quem são os usuários das informações do Censo 2000?



Para Carlos Lessa, novas tecnologias atraem a atenção de usuários especializados.

Imaginar um perfil para os usuários das informações de um censo demográfico não é tarefa simples. Em uma pesquisa que aborda um conjunto menor de temas talvez seja mais fácil saber a quem os dados possam interessar. Já os resultados de um censo, como o realizado em 2000 pelo IBGE,

chamaram a atenção de segmentos diversificados da sociedade. Fator decisivo para isso foi a adoção de diversos meios para disseminar os resultados. A resposta foi imediata: aumento dos acessos ao portal do IBGE na Internet, do número de atendimentos a pessoas interessadas em esclarecer dúvidas e grande

interesse pelos produtos com dados do Censo 2000.

"A gama de usuários dos resultados do Censo 2000 é muito grande. Podemos citar instituições financeiras, pesquisadores, órgãos do governo, entre outros. O tipo de utilização que é diferenciado. O usuário comum vem em busca

de dados prontos, como população dos municípios, quantas pessoas estudam e renda familiar. Pesquisadores buscam dados que possam ser trabalhados para gerar tabulações relacionadas às próprias pesquisas", informa Carlos Lessa, chefe da Gerência de Atendimento.

Um exemplo desse último tipo de usuário é a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Interessada em saber o total de domicílios do país ligados à rede de energia elétrica, buscou informações nos resultados do Censo 2000. As embaixadas também procuram informações do Censo para saber o número de pessoas oriundas de determinado país que residem no Brasil e sua distribuição no território.

O usuário comum vem em busca de dados prontos e pesquisadores querem gerar suas próprias tabulações.

Usuário e produto: uma combinação prioritária

Há uma relação direta entre interesse dos usuários e disponibilidade da informação. Segundo Paulo Quintslr, chefe do Departamento de Atendimento Integrado (Deati), a demanda por informações de censos demográficos sempre foi grande, mas o acesso aos resultados era mais trabalhoso. Ele explica que, para as pessoas que têm acesso à Internet, o portal do IBGE modificou essa realidade ao permitir consultas rápidas, bem como a captura de informações dos censos e de outras pesquisas do IBGE.

A Internet também permite que haja um maior controle das demandas dos usuários e um contato mais imediato com eles. Ao associar essa ferramenta ao programa de disseminação dos resultados do Censo 2000, o IBGE ampliou e diversificou o número de

Novas tecnologias permitem que se possa disponibilizar mais informações para os usuários.

pessoas que utilizam suas informações. "A maioria das demandas relacionadas ao Censo 2000 chega pela Internet. As principais perguntas são sobre informações ainda não tabuladas ou que o usuário não encontrou na página", destaca Carlos Lessa. Porém, segundo ele, muitas destas informações já estão disponíveis na página - é o usuário que tem dificuldade em encontrá-la.

No Censo de 1991, o IBGE trabalhava basicamente com publicações impressas. Assim, para o usuário conseguir uma informação diferenciada ele a procurava na publicação ou a solicitava ao IBGE. Os pedidos eram atendidos através de fax ou carta, ambos demorados. Hoje o e-mail facilitou o trabalho. Segundo Carlos Lessa, a resposta a uma dúvida ou solicitação pode chegar em até 48 horas após o usuário ter enviado a mensagem.

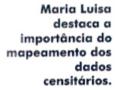
Adquirir os resultados do Censo 2000 no formato digital é um recurso que atrai uma parcela cada vez maior do público. Ferramentas como o Banco Multimensional de Estatística (BME) também ajudam a resolver os problemas de alguns pesquisadores que gostam de trabalhar melhor os dados e fazer seus próprios cruzamentos. Nesse sentido, "as novas tecnologias permitem que se possa disponibilizar mais informações

para os usuários. Dessa forma, as publicações impressas com CD-ROM encartado podem ser vistas de outra forma: como se a parte impressa fosse um adendo do CD-ROM, e não o contrário", diz Carlos Lessa.



IBGE prepara dois novos produtos do Censo 2000

Dando continuidade à disseminação dos resultados do Censo 2000, dois grupos de trabalho já estão envolvidos na concepção de novos produtos. Um deles é o Atlas do Censo Demográfico 2000, que representará cartograficamente as tabulações estatísticas. O outro é a Metodologia do Censo Demográfico 2000, com o registro de todo o trabalho realizado ao longo da pesquisa. Como não poderia deixar de ser, a Vou te Contar foi conferir tudo sobre o assunto com as coordenadoras dos grupos de trabalho dessas publicações: Maria Luisa Gomes Castello Branco, chefe do Departamento de Geografia (Degeo), da Diretoria de Geociências (DGC), e Maria Vilma Salles Garcia, chefe da Coordenação Operacional do Censo (COC).





Mapas de informação

Segundo Maria Luisa, responsável pela produção do Atlas do Censo Demográfico 2000, o mapeamento dos dados censitários proporcionará uma nova interpretação da estrutura e dinâmica da população brasileira. "O objetivo é divulgar os resultados do Censo de uma outra maneira, mostrando a atual configuração territorial do Brasil espelhada pelos dados". A publicação disponibilizará



O grupo define as informações que farão parte da Metodologia do Censo Demográfico 2000.

informações coletadas pelos questionários do universo e da amostra, compreendendo características básicas dos domicílios e da população brasileira.

"O Atlas do Censo Demográfico 2000 pretende divulgar os resultados do Censo de uma outra maneira, apresentando o que há de diferente no território brasileiro." **Maria Luisa Gomes** Castello Branco

O Atlas vai contemplar as várias dimensões do processo de transição demográfica pelo qual passa o país, dando especial ênfase às diferenças espaciais. "Desde o início a idéia era apresentar o que há de diferente no território brasileiro, que teve grandes transformações nas últimas décadas", explica a coordenadora do grupo de trabalho. Para tanto, a publicação contará com tabelas, gráficos, fotos, textos e imagens de sensoriamento remoto que aprofundarão os temas representados cartograficamente.

A abrangência dos assuntos cobertos pela publicação possibilitará que ela se destine a um público amplo, interessado nas diversas áreas de conhecimento estudadas no Censo 2000 - que vão desde as diferenciações demográficas até as desigualdades sociais analisadas em conjunto. De acordo com Maria Luisa, a divulgação da estatística através do mapa facilita a compreensão do grande volume de informação tabular, constituindo um importante instrumento visual. "Um mapa não é uma ilustração, é uma outra forma de análise, uma informação através da imagem. Em alguns casos ele será acompanhado de texto, para

"Um mapa traz uma informação através da imagem." Maria Luisa Gomes Castello Branco

explicar o que está representado ali. Não há como fugir de uma abordagem escrita".

A flexibilidade na representação cartográfica permitirá tanto a visualização dos diferentes padrões espaciais que definem a distribuição da população e suas características de educação, renda e trabalho em nível nacional, como o enfoque detalhado das desigualdades demográficas e sociais que ocorrem nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, a utilização de múltiplas escalas espaciais de análise permite a articulação de diversos níveis de estudo da realidade, facilitando a compreensão do fenômeno espacial.

O Atlas do Censo Demográfico 2000 vai abranger questões importantes para o planejamento estratégico no território brasileiro, constituindo um valioso instrumento de consulta para a formulação de políticas públicas voltadas à superação das históricas desigualdades que marcam a sociedade brasileira. Esta prática ajusta-se perfeitamente à missão institucional do IBGE de retratar a realidade do país.

Assim, longe de replicar os dados disponibilizados nas ta-

bulações estatísticas, publicação irá complementálos, possibilitando uma compreensão sintética e espacial e assim diferenciada - da complexa realidade territorial brasileira. Trata-se, portanto, de um projeto de popularização das estatísticas do **IBGE** com ênfase na divulgação de suas informações censitárias através de mapas. "Considero fundamental que o livro proporcione o entendimento da dinâmica sócio-espacial do Brasil. Ou seja, ele não será apenas um mero retrato das variáveis do Censo, mas um instrumental que possibilitará a compreensão das mudanças ocorridas nas últimas décadas", conclui Maria Luisa.

Os participantes
da reunião
discutem os
assuntos
que serão
abordados
no Atlas do
Censo
Demográfico
2000.



Registro da operação censitária

Outro grupo que está trabalhando duro é o responsável pela Metodologia do Censo Demográfico 2000. "Trata-se de um volume único que vai documentar toda a operação do Censo 2000, contando a forma como os processos de trabalho aconteceram. Ou seja, vamos registrar o que foi feito e como foi feito. Porém, sem contar histórias, apenas mostrando o efetivamente que realizado", informa Maria Vilma Salles Garcia, coordenadora do grupo de trabalho. Para isso, a publicação será dividida em capítulos de acordo com as

etapas do Censo 2000, contemplando desde o planejamento até a divulgação dos resultados.

"É importante que fique registrado como foi feito o Censo em todos os seus aspectos técnicos, operacionais, administrativos e gerenciais." Por isso, o grupo de trabalho conta com representantes de todas as diretorias do IBGE. "Temos duas pessoas da Diretoria de Geociências (DGC), duas da Diretoria de Pesquisas (DPE), uma da Diretoria de Informática (DI), uma da Diretoria Executiva (DE) e duas do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI)", ressalta a coordenadora do grupo.

A publicação deve atender desde o usuário comum até o mais especializado. "O público que vai ter acesso ao dado quer saber como ele foi levantado. Sendo assim, o livro servirá como fonte de consulta e planejamento de pesquisas, além de ser muito útil na preparação para o próximo Censo", explica Maria Vilma.

Com previsão de lançamento para o fim deste ano, as publicações encerrarão os trabalhos do Censo 2000. Ambas serão disponibilizadas nas bibliotecas e livrarias do IBGE.

"A Metodologia vai documentar toda a operação do Censo 2000, servindo como fonte de consulta e enriquecimento de pesquisas." Maria Vilma Salles Garcia



Para Maria
Vilma,
a Metodologia
do Censo 2000
servirá como
fonte de
consulta e
planejamento
de pesquisas.

Foco na terceira idade

A vida depois dos 60 anos é objeto de estudo da pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Ana Amélia Camarano, economista e doutora em Estudos de População, e que atualmente coordena a área de pesquisas em População e Família.

Interessada particularmente nessa parcela da população que nas últimas décadas tem crescido consideravelmente, como resultado do aumento da longevi-

dade somado à redução das taxas de fecundidade, Ana Amélia pesquisa em detalhes a vida dos idosos brasileiros já há alguns anos.

Atrás de dados confiáveis, ela é fiel usuária do IBGE. E não descuida na busca: se debruça sobre as publicações do instituto, principalmente as que apresentam os resultados do Censo 2000. Vasculha desde os dados mais gerais até os microdados, que consistem no menor nível de desagregação numa pesquisa, preservando-se o sigilo do entrevistado.

Para saber um pouco mais sobre a importância dos dados do Censo 2000 na formulação de pesquisas que retratem as condições de vida dos idosos conduzidas por ela, a Vou te contar foi entrevistar essa perseverante usuária, sempre à procura de novas informações que alimentem seus estudos, análises e traba-Ihos. Confira.

Vou te contar - Em que tipo de trabalho ou pesquisa a Sra. utiliza os dados do Censo 2000?

Ana Amélia Camarano – Eu iá utilizei os resultados do universo nos meus trabalhos de mudanças na distribuição etária e na dinâmica de crescimento da população. No momento, estou usando os dados da amostra, pois tenho trabalhado muito com envelhecimento, famílias, idosos e suas condições de vida.

Vou te contar - Quais publicações a Sra. mais utiliza?

Ana Amélia - Uso mais os dados do Censo do que as publicações. Porém, por trabalhar com envelhecimento, tenho usado bastante a publicação Perfil dos Idosos. Desde 1999, por exemplo, eu trabalho com idosos dentro da perspectiva da família.

Vou te contar - A Sra. também utiliza microdados ?

Ana Amélia - Prefiro trabalhar com microdados, porque me permite fazer o cruzamento desejado. Tenho usado muitos cortes do tipo raça, nível sócio-econômico etc. Terminei o trabalho "Famílias com idosos", onde usei os dados do Censo 2000, comparando Nordeste e Sudeste, por exemplo. Também estudei famílias com idosos na condição de chefes de família; famílias com idosos vivendo na condição de parentes, em casas de filhos, genros etc. O microdado é o básico para mim, pois com base no que estou estudando posso montar minhas tabelas. Já no meu trabalho com os resultados da amostra chamado "Famílias de idosos", que são famílias onde o idoso é chefe ou cônjuge, e "Famílias com idosos", onde os idosos moram na condição de pais, sogros e chefes da família, precisei formar essas famílias, já que os dados não são publicados dessa maneira. Os microdados permitem ao pesquisador ir de acordo com seu modelo teórico e com as hipóteses que deseja testar.

Vou te contar – A Sra. poderia falar mais sobre a publicação "Famílias de idosos"?

Ana Amélia - É um trabalho onde eu avalio as condições de vida, comparando as famílias com idosos, de idosos e sem idosos. Eu quis saber como as famílias estão organizando frente ao envelhecimento populacional e à crise dos jovens - como o atraso na saída de casa, a gravidez precoce, o desemprego, a droga, a violência etc. A família tem sido uma instituição importante nesses processos, tanto no envelhecimento quanto na crise dos jovens. As coisas estão amarradas e eu trato das duas no mesmo trabalho. Só com os microdados posso fazer isso, porque quero saber se o idoso mora com o filho e tem netos, se esse filho trabalha. Nisso eu comparei agregadamente o Sudeste com o Nordeste. Há casos em que o idoso é o provedor e casos em que ele é doente e precisa de



"Os dados do Censo são minha matéria-prima", diz Ana Amélia Camarano.

apoio - essas são as famílias com idosos. As famílias de idosos são as que eles cuidam, como provedores.

Vou te contar - Como a Sra. faria suas pesquisas sem esses dados?

Ana Amélia – Não faria. Eles são muito importantes, são a minha matéria-prima.

Vou te contar - Como usuária dos resultados do Censo 2000, a Sra acha que o meio pelo qual o dado é disseminado interfere no trabalho do pesquisador?

Ana Amélia - O meio de disseminação é muito importante e acho que o IBGE avançou bastante de 1995 para cá, facilitando a vida do pesquisador. A disponibilidade dos microdados abriu muitas possibilidades. Agora, os resultados são divulgados mais rapidamente e com um intervalo menor. Nosso trabalho é enriquecido também pelos cruzamentos que podem ser feitos. Nos anos 80, ou nos limitávamos às tabulações publicadas ou solicitávamos ao IBGE os cruzamentos desejados. Isso demorava muito, porque vários são os pesquisadores que pedem. Portanto, considero que houve um grande avanço no processo de disseminação.

Vou te contar - Na sua opinião, quem mais acessa os dados do Censo 2000: os pequenos ou grandes usuários?

Ana Amélia - Acho que são os pequenos usuários. Apesar de as prefeituras e seus órgãos usarem

muito. Os municípios de vários tamanhos estão ampliando a utilização dos dados do Censo. A consciência da necessidade da informação para fundamentar projetos está cada vez maior. A demanda depende da oferta e na medida em que o IBGE agilmente disponibiliza os dados de formas variadas, a consciência da necessidade é crescente. As publicações para o usuário geral são importantes por chamarem a atenção para temas diversos. Muitas pessoas não têm conhecimento de tudo o que é pesquisado no Censo.

Vou te contar – A Sra. poderia dar um exemplo sobre um dado específico do Censo 2000 que a Sra. utilizou para análise?

Ana Amélia - O Censo registrou que 9% da população brasileira é idosa, mas em 25% dos domicílios brasileiros há um idoso. ou seja, um quarto das famílias. Isso significa que os idosos não moram sozinhos, eles moram com não-idosos. Então, o benefício da previdência que ele recebe é repartido, por ele não morar sozinho. A família é a instituição mais poderosa em termos de distribuição de renda.

Vou te contar – A Sra. utiliza outras publicações do IBGE nas suas pesquisas?

Ana Amélia - Tenho aqui um trabalho meu que se chama "Transição para a vida adulta - Novos e velhos desafios", no qual usei a PNAD de 1981 e 2001. O livro que lançamos em 1999 usou dados na Contagem da População de 1996, com 380 páginas e 80% composto de resultados do Censo e da PNAD. Na publicação referente à Contagem, há um artigo meu chamado "Idosos brasileiros -Que independência é essa?", que mostra os idosos que cuidam de filhos e netos.

A visão da REALIDADE SOCIAL



UMA VISÃO ESSENCIAL

Publicação, CD-Rom e Tabelas na Internet

servidor de mapas



www.ibge.gov.br 0800-218181



